

A visão da imperatriz Amélia, em um fim do mundo chamado: Brasil imperial.

Fabiane Crys Barbiero¹

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o modo como a identidade da Imperatriz Amélia de Leuchtemberg é representada no livro *Imperatriz no fim do mundo*, de Ivanir Calado, que retrata sua chegada à corte brasileira e toda a sua estadia no fim do mundo chamado: Brasil Imperial, além de apresentar toda a sua vida e de seus familiares mais próximos. Considera-se, também o processo de re-territorialização por que passa a imperatriz no território Imperial brasileiro. Para tanto, como fundamentação teórica, serão utilizadas reflexões de Kathrin Woodward acerca da identidade e diferença (2000) e sobre identidade e território da autora Rosa Maria Vieira Medeiros. Através deste estudo, podemos inferir que mesmo com todas as críticas realizadas pela Imperatriz Amélia, para com a corte brasileira, ela passou pelo processo de re-territorialização e conseqüentemente, se habituando a cultura brasileira da época.

Palavras-Chave: *Imperatriz no fim do Mundo*. Identidade. Re-territorialização.

Abstract: This paper intends to examine how the identity of the Amelia Leuchtemberg Empress is represented in the book *Imperatriz no fim do Mundo*, of Ivanir Calado, which depicts her arrival at Brazilian Court and throughout her stay at the end of the world called: Imperial Brazil, besides presenting her life and her immediate family. It is, also the process of repossession by passing the empress in Imperial Brazilian's territory. Therefore, as a theoretical grounding, reflections will be used Kathrin Woodward about identity and difference (2000) and on the author's identity and territory Rosa Maria Medeiros Vieira. Through this study, we can infer that even with all the criticisms made by Amelia Empress, toward the Brazilian cut, she went through the process of re-territorialization and consequently getting used to the Brazilian culture of the time.

Keywords: *Imperatriz no fim do Mundo*. Identity. Repossession.

Introdução

Quando ouvimos falar em identidade, logo, pensamos no famoso RG (Registro Geral), que é o documento de identificação que cada pessoa possui, no entanto, neste trabalho vamos nos remeter à identidade do modo pessoal e cultural, vamos analisar a identidade pessoal e social e conseqüentemente, a identidade territorial da imperatriz Amélia de Leuchtemberg do livro *Imperatriz no Fim do Mundo*, do autor Ivanir Calado. Além da identidade, será observado o processo de re-territorialização pelo qual a imperatriz passou durante toda sua estadia na corte brasileira.

A identidade pessoal retrata o indivíduo em si, é o “eu”, é aquilo que me propicia, através da história de vida pessoal que possuo, a afirmar-me como um indivíduo dentro da sociedade onde moro. É meu espírito, meu intelecto, meu corpo, resumindo, é a polaridade do caráter humano. Já a identidade social, representa “nós”. Esta identidade cabe ao que nós representamos ou como agimos na sociedade, ou seja, aos diferentes papéis que executamos ao longo de nossa existência.

No livro analisado, encontramos também a identidade territorial da imperatriz Amélia, esta, nos retrata em nosso território, ou seja, como nossos costumes, crenças, tradições, vícios, ou seja, é a nossa cultura. Amélia vive na corte Alemã com outros costumes e se dirige para a corte brasileira para se habituar a nova cultura, então, ela passa por um processo de des-territorialização da corte alemã e encara um novo sistema de re-territorialização na corte brasileira. Sabendo que sua identidade territorial muda, pois os costumes, as crenças e tradições são totalmente diferentes daquelas em que ela conhecia e agora em território brasileiro ela precisa recriar sua identidade territorial com todo o leque de mudanças existentes no Brasil Imperial.

Portanto, o presente artigo tem como principal objetivo analisar a trajetória da imperatriz que modificou não apenas os costumes, mas também a corte daquela época, “bagunçando” o coração do imperador Dom Pedro I e influenciando de certa maneira na queda dos ministérios. Na pesquisa serão analisados dois processos: o da identidade e o da re-territorialização pelos quais passou Amélia de Leuchtenberg.

Pressupostos teóricos acerca de: Identidade e Re-territorialização

Todas as pessoas possuem uma identidade própria, é essa identidade que difere uma das outras, no entanto, cada ser vivo cria a sua identidade de acordo com a maneira como vive, o lugar em que habita e a sociedade em que frequenta. Sabendo disso, podemos dizer que além de uma identidade própria, somos todos indivíduos totalmente diferentes, pois temos nossos próprios costumes, crenças, tradições, vícios e isso tudo influencia a nossa identidade.

Sendo assim, podemos afirmar que toda identidade possui muitas diferenças e esses contrastes podem ser chamados de sistemas de representação. Esses sistemas abrangem um leque de diversidades: comidas típicas, vestimenta, classe social, enfim, são inúmeras, as pluralidades. De acordo com Woodward (2000), essa multiplicidade constrói os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar, ou seja, é a forma de identificação, porém, devemos levar em consideração que identidade não é a mesma coisa que identificação, no entanto, o processo de identificação pode ajudar no conceito de identidade.

Muitos autores atuais falam sobre a “crise de identidade”, afirmando que isso acontece devido às características das sociedades contemporâneas e do processo da modernidade tardia. Conforme Giddens (1990):

Alguns autores recentes argumentam que as “crises de identidade” são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea (GIDDENS, 1990 apud WOODWARD, 2000, p. 20).

Outro motivo de grande relevância é o fato de que a globalização abrange fatores econômicos e culturais, gerando assim, distinções nos padrões de produção e consumo, causando a produção de novas identidades globalizadas. Conforme Woodward (2000), a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. Ou seja, essa homogeneidade de certa forma, pode influenciar as identidades, ou até mesmo fazer com que surjam novas situações de identidades. Woodward (2000) cita Ernesto Laclau para argumentar a ideia de crise global da identidade:

“As crises globais da identidade têm a ver com aquilo que Ernesto Laclau chamou de *deslocamento*. As sociedades modernas, ele argumenta, não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros. Houve um deslocamento dos centros. Pode-se argumentar que um dos centros que foi deslocado é o da classe social, não a classe como uma simples função da organização econômica e dos processos de produção, mas a classe como um determinante de todas as outras relações sociais: a classe como a categoria “mestra”, que é como ela é descrita nas análises marxistas da estrutura social. ... Ele sugere não somente que a luta de classes é inevitável, mas que não é mais possível argumentar que a emancipação social esteja nas mãos de uma única classe” (LACLAU, apud WOODWARD, 2000, p.29).

Atualmente, podemos dizer que estamos passando por uma crise de identidade. Um exemplo bastante coerente sobre esta afirmação é a geração GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Segundo Woodward (2000), as identidades sexuais também estão mudando, tornando-se mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações que podem ser descritas em termos de uma crise de identidade. Não somente este grupo em especial, mas todo o leque que abrange as categorias de gênero e diversidade se encaixa nessa crise de identidade pela qual estamos sendo influenciados nos dias atuais.

Um fundamento que também é motivo de produção de identidades plurais, no entanto, contraditório, é a migração. A migração é um procedimento que possui grandes características parciais. De acordo com Woodward (2000), a migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento. No entanto, Woodward, ainda afirma que essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. Isso quer dizer, que essas identidades não têm uma “pátria” apenas, e sendo assim, não podem ser ementadas a uma única fonte. Essas transformações globais

criam mudanças na infraestrutura política e econômica, colocando assim, em realce, a questão de identidade.

O passado e o presente assim como o tempo e o espaço, são fontes influenciadoras sobre a construção de identidade. E sabemos que as identidades são marcadas pelas diferenças mesmo tendo entre si muitas adversidades. Conforme Woodward (2000), essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. E essas diferenças são influenciadas pelo passado, pelo presente, pelo tempo e o espaço em que a pessoa vive, as relações que ela mantém, a sociedade em que ela frequenta, enfim, pelo mundo que a cerca.

Concluindo nossos pressupostos acerca de identidade e diferença, podemos afirmar que a diferença existente nas identidades é de grande valia, pois como estamos vivenciando uma crise de identidade, esses movimentos sociais que são todos possuidores de muitas diferenças, podem reconstruir eticamente as identidades pessoais e culturais e sendo assim, essas identidades tanto pessoais quanto culturais podem ser modificadas passando pelo processo de TDR, Territorialização, Desterritorialização e Re-territorialização.

Retratando o território, espaço de identidade, podemos afirmar que o território é um espaço de identificação, ou seja, ele pode ser imaginado, ou sonhado. Pois é através da utopia ou mesmo da imaginação, que a construção desse território tem o seu início. E neste território se reúnem indivíduos que possuem um enraizamento sentimental. É no território que se produz uma cultura própria, símbolos, significados, estratégias e identidades. No entanto, dentro da própria cultura, há espaços dissemelhantes nos quais as pessoas, constroem e reconstroem suas histórias.

Quando nós nos mudamos, ou até mesmo quando viajamos para outros lugares, passamos por um processo. Esse processo chamado de des-territorialização é o contato que temos com algo diferente, pelo qual não estávamos habituados e isso nos causa um certo estranhamento, entretanto, podemos nos habituar facilmente com o novo e desse jeito, nos re-territorializar. De acordo com Medeiros (2009):

“O encontro com uma nova realidade certamente provocará uma desterritorialização dos processos simbólicos, quebrando muitas vezes as coleções organizadas pelos sistemas culturais com novas ressignificações e

redimensionamentos dos objetos, coisas e comportamentos e isso tudo, certamente, imbricado de conflitos” (MEDEIROS, 2009, p. 224).

O processo chamado TDR (Territorialização, Desterritorialização, Re-territorialização) é de muito fácil entendimento. Basta apenas, pensarmos da seguinte maneira: uma pessoa vive em um determinado território, ali ela está habituada com sua cultura, crenças, tradições, etc. Então por um motivo qualquer ela decide se mudar e ir para uma terra distante, lá, ela vai passar pelo processo de des-territorialização que é aonde, ela vai precisar se desligar de suas antigas raízes para então passar pelo procedimento de re-territorialização, que é forma pela qual ela se habituará com a nova cultura existente naquele local. Conforme Medeiros (2009), o viver em grupo lhes permitirá assim um enraizamento não tão doloroso quanto foi o desenraizamento e, portanto a construção da sua identidade com o novo território. Para citarmos um exemplo disso, mas que pode ocorrer com qualquer pessoa e de qualquer classe social, Medeiros (2009), comenta a criação de uma nova identidade a partir dos assentamentos:

“Criar uma identidade num espaço desconhecido, onde cada dia é um novo conhecer, exige desses camponeses um grande esforço. Entre erros e acertos vão construindo uma nova territorialidade. Muitos abandonam, desistem, vão para outros lugares, mas há os que ficam, que resistem e que começam a re-construir um território onde as marcas de sua história serão fixadas como marcos de sua identidade” (MEDEIROS, 2009, p. 224).

E assim podemos concluir, afirmando que nossa identidade se forma através de nossos atos e das diversas faces que temos diante de cada situação pela qual convivemos. E mesmo que mudamos para outro território temos a capacidade de nos modificarmos e nos habituarmos com o novo, e esse processo é chamado de re-territorialização, que segundo Medeiros (2009), a re-territorialização se evidencia através da permanência, da identidade, das origens assim como através do ressignificado dado ao seu novo espaço.

A visão da imperatriz Amélia, em um fim do mundo chamado: Brasil imperial.

Publicado em 1997, *Imperatriz no fim do mundo – Memórias dúbias de Amélia Leuchtemberg* é uma das obras do autor Ivanir Calado. Escrito em primeira pessoa, é a própria Amélia que relata sua história, mesmo que muitas vezes apresenta a de uma forma

ambígua e até mostrando com certo esquecimento alguns fatos que aconteceram ou não durante toda a sua vida.

Partindo da ideia de identidade, Amélia possuía uma identidade própria, tinha uma vida estável na Alemanha, “... *por sua beleza, sua graça modesta, força de entendimento e cuidados maternos postos em sua educação, é uma das mais completas princesas da Alemanha*”. Ela convivía com essa cultura, tinha hábitos, crenças e manias naquela corte de alta grandeza, sem contar que era uma adolescente e sendo assim era muito romântica, “*Eu vivi numa época dominada pelo romantismo literário*”. Além do mais, toda aquela nação sentira muita falta de sua partida para outras terras, “*o bom povo da Baviera vê com pena sua projetada partida para regiões tão distantes*” e quando Amélia estava partindo para o Brasil uma grande multidão se reuniu do lado de fora do palácio para dar o último adeus a ela, “*os criados faziam fila nos jardins, e do outro lado das grades o povo de Munique acenava. Muitos estavam ajoelhados, evidentemente rezando. Aquele era meu povo: parecia me amar de verdade*”.

Na questão da re-territorialização, Amélia se contradiz da seguinte maneira: “*eu já tinha dezesseis anos. E sonhava com aventuras, com qualquer coisa que me levasse a ver outros mundos*”. No entanto, mesmo que aventureira, quando surgiu a ideia de se casar com Dom Pedro I e ir morar em um país totalmente naturalista, ela pensava, “*um país longínquo, exótico, belo e apavorante*”. Nestes fragmentos, ela se mostra totalmente a favor de conhecer novos lugares, mas quando a oportunidade “bate a sua porta”, ela se sente insegura e se mostra incapaz de se habituar a diferenças.

Amélia achava os costumes da corte brasileira muito estranhos, “*alguns me beijavam as mãos, e, mesmo depois de explicarem ser esse um costume na corte brasileira, continuei a achar esquisito*”. Chegando até a criticar o céu, “*um céu estranho que, na imensidão monótona do mar, me dava uma consciência dolorida de estar longe de casa, sem qualquer perspectiva de volta*”. Assim, ela chegou até a comparar o seu país de origem com sua nova nação no momento de sua chegada ao território brasileiro, “*não pude evitar a comparação com minha despedida de Munique,*” ainda:

“Eu viera de uma região de altas montanhas e vales cobertos de grama, de cidades com muitas casas e poucas árvores. Ali era o oposto. Os morros, curvos e sensuais, pareciam cobertos de veludo verde-escuro na distancia. O céu estava encoberto, e mesmo assim a visão da natureza indomada chegava a ser assustadora. Tudo

parecia crescer demais, aparecer demais, e ainda era apenas uma impressão distante. Mais tarde visto de perto, o país me deixaria em alguns momentos às bordas do êxtase e do pavor...” (CALADO, 1997, p. 66).

O povo brasileiro estava ansiosamente aguardando à sua chegada, ornamentaram ruas, espalharam flores, borrifaram perfumes, fizeram de tudo para recebê-la da maneira mais cortês possível, mas Amélia, ao contrário, reclamava de tudo, “*uma mistura confusa de urina, fezes, especiarias desconhecidas, peixe, suor e os litros de perfume certamente borrifados na carruagem (para que eu não sentisse o fedor?)*”, Além disso, criticou até mesmo a população que estava abarrotada e festejando a sua chegada, “*quem não fosse negro era, praticamente sem exceção, gordo*”. E ainda, “*outra coisa que me espantou foram as figuras aboletadas em redes amarradas num pau apoiado sobre os ombros de dois escravos*”. A nova imperatriz criticou apenas uma coisa com razão, a questão dos escravos:

“Outros acenavam de pequenas liteiras cobertas, também carregadas por negros... E para espanto ainda mais profundo, observei vários brancos escanchados nos ombros de escravos, e faziam os negros correrem com eles, acompanhando a carruagem para me observar melhor. Era uma sensação horrível, não dava para saber se eu era o animal enjaulado para deleite da multidão ou se a jaula fora feita para me proteger das feras daquele país selvagem” (CALADO, 1997, p. 75).

Amélia então, depois de todos os descontentamentos possíveis em relação ao seu novo lar e a sua nova nação, resolveu que faria com que todos notassem sua presença e assim, imporia algumas regras na corte como: o uso de etiqueta europeia no palácio, ensinava pessoalmente aos criados a maneira exata de servir à mesa e de atender a uma visita, exigiu que o marido se vestisse de acordo com o seu posto e assim por diante. Nossa imperatriz não tentava se acostumar com aquela cultura, ao contrário disso, queria a todo custo, impor as regras europeias na corte brasileira. Amélia comprova essa afirmação, pois mesmo, com todas as adversidades, com sua ingenuidade, ela passou pelo processo de re-territorialização e viveu da maneira brasileira:

“Não importava a precariedade do Império, não importava o passado do marido, não importavam as outras mulheres, não importava o país de natureza inóspita, ou o regime escravocrata, as damas de dentes podres como os da morte e colares de diamantes, não importava absolutamente nada. Aquela era a minha vida, e eu iria vive-la no Rio de Janeiro como se estivesse em Paris” (CALADO, 1997, p. 78).

Terminando esta avaliação sobre a visão da Imperatriz Amélia para com a corte brasileira, podemos citar apenas um argumento a seu favor, ela era protetora dos pobres, “e

mesmo os meus detratores não deixavam de me chamar de “protetora dos pobres e desvalidos””. No entanto, essa benfeitoria não era o suficiente para cobrir suas críticas em relação ao Brasil Imperial:

“Veio uma tentação perniciososa de dizer como era de verdade aquele lugar, de lançar à sua vista, num jorro desgostoso de vingança, todo o choque e a frustração: dizer do calor infernal, dos mosquitos, do incenso de bosta de boi, das ruas estreitas com uma depressão no meio por onde corriam água negra e excrementos. Dos baldes de merda atirada de manhã cedo pelas janelas; dos imensos barris fétidos, cheios até a borda, sendo lançados ao mar diante do Paço Imperial por negros suados e respingados de sua carga abominável; dos escravos estranhos, que mesmo quando limpos cheiravam diferente de mim; da absurda falta de etiqueta na corte; das damas desdentadas, gordas e intrometidas; dos infundáveis beija-mãos, que me deixavam com os dedos fedendo a mau hálito; das árias italianas pessimamente cantadas que eu era obrigada a aplaudir sorridente; até mesmo de meu marido, que, a despeito de sozinho comigo ser a mais doce e espantosa das criaturas, diante dos outros era tão rústico quanto um vendedor de peixe” (CALADO, 1997, p. 94).

Resumidamente, esta era a visão da Imperatriz Amélia de Leuchtemberg, a segunda esposa de nosso imperador Dom Pedro I. Mesmo que seja uma visão vergonhosa sobre nosso país, era o que ela achava na época, e com toda a dubiedade presente no livro ao longo das páginas, podemos concluir que se Amélia vivesse hoje no Brasil, ela reclamaria de tudo também, no entanto, como era uma mulher forte, suportaria tudo e todos e conviveria com todas estas adversidades.

Considerações finais

Podemos considerar aqui, a ingenuidade de Amélia de Leuchtemberg, no entanto, não podemos de maneira nenhuma criticá-la por seus pensamentos ou pelas críticas que fez à corte brasileira da época, mesmo que sabemos, que se ela fosse viver atualmente, ela teria muitos motivos para novamente desaprovar o nosso país. No entanto, ela era acostumada com a imponência de sua terra natal, tinha uma identidade própria, ou seja, tinha uma cultura, possuía hábitos coerentes com aquela corte, tinha seus costumes e crenças. Por um motivo fútil e pressionada pela mãe, decide se casar com o imperador recém-viúvo do Brasil. Este

novo território, era um país totalmente naturalista que ainda não apresentava saneamento e que também era desprovido de muitas coisas, pelas quais ela estava acostumada.

Chegando aqui, vendo toda aquela infinidade de diferenças, ela começa a comparar tudo com o que havia na Alemanha, tentando até impor regras europeias na corte brasileira, todos aqui ficaram bastante confusos, pois na verdade, quem deveria se habituar era ela com o Brasil Imperial, e não nosso país literalmente tropical com uma estrangeira, que se dispôs a casar com Dom Pedro I. Podemos afirmar que Amélia com o passar do tempo se re-territorializou com a corte brasileira, no entanto, isso só aconteceu muito tempo depois de ela ter chegado ao Brasil, porque até então, talvez por hábito de adolescente, queria tudo de seu jeito, como se fosse que o mundo girasse “ao redor de seu umbigo”.

Por isso da importância dos estudos relacionados à identidade e o espaço territorial habitado pelas personagens, não somente desta obra, mas sim de muitas outras, que minuciosamente apresentam estes aspectos e que são de grande importância para a literatura de um modo em geral.

Referências

Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos / Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (Organizadores) – 1. Ed – São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009. 368 p. : tabs. – (Geografia em Movimento) – Vários Autores.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

CALADO, Ivanir. **A imperatriz no fim do mundo – memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg** / Ivanir Calado. – Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.